

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

Número 2 Fevereiro 2015

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Ensaio

Andreia Barbas (4)
Pedro Hespanha (12)

Socionet

Paulo Peixoto (5)

No Terreno

Carolina Lopes (6)
Inês Guedes (9)

Vaivém

Francisco Nunes (7)
Carmo Freitas (7)

Encontro

Madalena Duarte (8)
Rogério Barbosa (21)
Beatriz Caitana (19)

À Margem

Jennifer Simpson (10)

Projeto

Cristina Santos (14)

Ganhar a Vida

Tiago Oliveira (16)

Ufa!

Teses, Dissertações,
Relatórios (17)

Mais um objeto inútil

O segundo número da newsletter da Sociologia *prisma.soc* concretiza o trabalho de pessoas em torno de um objeto que não conta. Não conta para avaliação, nem para desempenho, nem para o financiamento. Resulta de gestos que não têm preço e, por isso, não têm valor. Na verdade, sofre o paradoxo do valor, identificado no exemplo da água e dos diamantes. A primeira, quando corre nos rios ou do céu, é gratuita, sendo indispensável para a vida. Os segundos são caríssimos, mas totalmente dispensáveis.

O que alimenta a *prisma.soc* é o mesmo cimento que é essencial para a nossa vida, pessoal e institucional. São as relações que se estabelecem e alimentam, a atenção ao outro e à comunidade. Na verdade, concretiza a própria construção desses laços e dessa identidade e é isso que se celebra com mais este número.

Esta newsletter constrói-se nas entrelinhas dos nossos papéis e estatutos formais. Agrega professores e estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento em Sociologia. Apoia-se numa instituição que é a FEUC, que a reconhece e estimula. E também se apoia em colegas, amigos e familiares. Algumas pessoas estão identificadas, outras não. Escreveram textos, recolheram informações, tiraram fotografias, elaboraram a imagem gráfica, reviram texto, fizeram comentários, deram opiniões, trouxeram um café, foram buscar pizzas... A partir de agora fica nas mãos de quem a lê, comenta e distribui.

A estrutura da *prisma.soc* reflete a variedade de olhares e a amplitude da experiência da vida académica. Há ensaios teóricos, relatos de quem está em trabalho de campo, descrições de projetos de investigação, narrativas sobre experiências de mobilidade, testemunhos sobre como sustentar economicamente os estudos, referências a eventos e encontros passados ou futuros, olhares alternativos, como ensaios fotográficos, dicas sobre ligações na internet...

Mantém-se a promessa de continuidade que se iniciou no primeiro número. As pessoas que a produzem mudam, são mais, e outras. E mantém-se o convite para quem queira participar na construção do olhar da Sociologia de Coimbra, escrevendo textos, trazendo café, distribuindo a *prisma.soc* por e-mail...

A sociologia sabe o valor dos objetos incomensuráveis.

Editorial

Comissão Editorial

Beatriz Caitana – Doutoranda em Sociologia. beatriz.caitana@gmail.com

Carlos Fortuna – Professor de Sociologia. cfortuna@fe.uc.pt

Jennifer Simpson – Doutoranda em Sociologia. simpson.jennifer@gmail.com

Sandrina Cardoso – Estudante de Sociologia. sandrina.cardoso@hotmail.com

Sílvia Ferreira – Professora de Sociologia. smdf@fe.uc.pt

Tiago Oliveira – Estudante de Sociologia. tiago_magueta@hotmail.com



Foto: Jennifer Simpson

Uma análise das ausências - género e publicações

Andreia Barbas
Doutoranda em Sociologia, FEUC

Introdução

Se há lugar onde as desigualdades de género e a perpetuação dos estereótipos de género subsistem vincadamente é na publicidade e nos media. O Conselho da Europa tem revelado uma preocupação neste sentido, como provam as recomendações dirigidas aos países europeus. No entanto, esta preocupação surge, primeiramente, a uma escala europeia. Posteriormente tenta-se transpor para os diferentes países normativas estipuladas a priori que, na sua maioria, se revelam um fracasso. Principalmente, porque as pessoas responsáveis pelos meios de comunicação e publicidade não olham para esta problemática como uma prioridade, nem como problema que deve ser resolvido.

Metodologia

Foram analisadas oito publicações mensais, portuguesas, nos meses de Maio e Junho de 2014. O objetivo desta análise prendeu-se com a presença/ausência dos estereótipos convencionais em revistas tipicamente femininas (Cosmopolitan e Activa) e masculinas, (Gentlemen's Quarterly e Men's Health). A análise incidiu sobre as áreas temáticas das oito publicações, para o que se criaram quatro categorias de análise, seguindo a teoria de Deaux e Lewis (1984): traços característicos dos homens e das mulheres; modos de comportamento (o que se espera dos homens e das mulheres?); características físicas e perspetivas ligadas ao corpo e à beleza; e, last but not least, as ocupações dos homens e das mulheres, sendo aqui incluídas as questões ligadas aos tempos livres, uso de objetos de consumo de prazer e o lazer.

Principais Resultados

A desconstrução dos estereótipos a partir da publicidade e dos *media* pode ser uma poderosa ferramenta para favorecer uma consciencialização da igualdade entre homens e mulheres. De acordo com o Conselho da Europa, o incentivo para as mulheres ocuparem cargos de direção ou de topo dentro de instituições relacionadas com os meios de comunicação, pode favorecer o conteúdo dos *media* e apresentar uma imagem mais equilibrada entre homens e mulheres. Este equilíbrio poderá gerar uma mudança ao nível dos comportamentos privados, das escolhas educacionais das/dos jovens, sensibilizar a sociedade civil e ter um

impacto nas políticas públicas (*Council of the European Union*, 2013). Se na teoria, isto podia (e devia) ser possível, na prática as coisas ocorrem de forma diferente. A partir da análise das publicações foi possível reconhecer várias questões que sublinham, precisamente, os tradicionais papéis.

Existe uma *dissonância entre os títulos e os conteúdos* em ambas as publicações uma vez que, em grande parte das notícias, o conteúdo da publicação não decorre diretamente do que se lê no título. A ideia é sempre remeter a/o leitor/a para o caráter tradicional da questão e, nem sempre, os conteúdos revelam esse tradicionalismo. Vejam-se os exemplos. Títulos como "A 'Copa' do Mundo em números" (Gentlemen's Quarterly) remete para a roupa interior feminina, tanto que é apresentado entre aspas, no entanto, quando é analisado o conteúdo apresentam-se informações sobre o orçamento que foi despendido na copa e questões associadas ao gasto do dinheiro. Na Cosmopolitan surge o seguinte título: "Como ser a preferida do Chefe. Chama a atenção dos supervisores, sempre pela positiva", que coloca a mulher numa perspetiva subordinada e insinua o tom de agrado ao chefe (homem) pela sexualidade e não pela eficiência no trabalho. Mas quando entramos em maior detalhe de conteúdo, verifica-se que os conselhos dados são, nitidamente, importantes para qualquer situação de trabalho, independentemente do sexo. Relativamente aos traços característicos, as dissemelhanças são, igualmente, notórias. Nas revistas masculinas aos homens propõem-se produtos caros (automóveis topo de gama), às mulheres sugerem-se, gadgets de cozinha, artigos de decoração e para bebés. Similarmente, os lazeres (dentro e fora de casa) sugeridos aos homens passam por atividades ao ar livre, saídas lúdicas, cinema, literatura e arte; para as mulheres são apresentadas dicas de arrumação doméstica e educação das/os filhas/os.

>

No que diz respeito ao *comportamento*, a imagem do homem nas publicações masculinas, está associado a um mundo exterior, a uma vida confortável (sem qualquer referência a poupanças), estimulado por impulsos e por “vontades”, dando maior ênfase à ambição e à alegria e, sobretudo, ao reconhecimento social (muitas vezes associado ao sucesso profissional). Ao invés, as mulheres surgem como mediadoras de conflitos com a/os filhas/os e maridos, cabendo-lhes ainda o papel relacional e afetivo por excelência e são percebidas como pessoas mais responsáveis, controladas, racionais e poupadas.

As *caraterísticas físicas* são a categoria com maior similaridade e aquelas em que as recomendações feitas a ambos os sexos se encontram a par. A beleza e respetivo cuidado, “estar em forma” e evitar o “envelhecimento” é a dimensão onde existe maior consonância entre sexos.

Por fim, ao nível das *ocupações* encontram-se, novamente, resultados diferentes. Para os homens, as atividades nos tempos de lazer estão associadas ao futebol, saídas noturnas, comemorações festivas com os amigos, piqueniques, “escapadinhas”, festivais de verão, entre outras festividades associadas em torno da felicidade individual sem qualquer alusão à família. Contrariamente, as publicações femininas não contemplam tempos de lazer. As ocupações sugeridas relacionam-se apenas com dois estatutos: mãe e doméstica, privilegiando-se sempre o espaço privado.

Conclusão

Como foi possível identificar através da análise das quatro categorias a quebra com os tradicionais estereótipos de género está longe de se verificar. Como refere Goffman (1976) os homens e as mulheres estão por baixo de “um véu natural” que justifica a forma como os papéis estão dispostos. A imagem que é dada às mulheres, embora, com maior liberdade, está bem longe daquilo que seria o idílico. Continua-se a insistir na imagem das mulheres como mães, domésticas e esposas, sendo, o plano profissional completamente renegado. Já os homens mantêm o seu poder com os habituais papéis de anfitriões, “homens de sucesso” e livres – livres de imposições, livres de responsabilidades, livres de poupar, livres de tudo... Menos da “tralha doméstica” porque disso cabe à mulher “livrar-se”.

Referências Bibliográficas

Council of the European Union, 2013. *Council conclusions - Advancing Women's Roles as Decision-makers in the Media*. Brussels, CEU.

Deaux, K., & Lewis, L. L., 1984. *Structure of gender stereotypes: Interrelationships among components and gender label*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(5), 991-1004.

Goffman, E., 1976. *Gender Advertisements*. New York: Harper and Row. ■

Michel Foucault é o autor mais citado de sempre na área das humanidades. Os rankings anualmente divulgados pela Thomson Reuters - ISI Web of Science mostram que só Pierre Bourdieu é capaz de se aproximar dos índices de Michel Foucault.

Saiba mais sobre Michel Foucault e o seu trabalho em <http://foucault.info/> e <http://www.csun.edu/~hfspc002/foucault.home.html>

O sociólogo mais influente do século XX é ... algo difícil/impossível de determinar. Mas aqui tem uma lista com os 10 sociólogos mais influentes do século XX <http://degreeinsociology.net/influential-sociologists/>

vídeo de sociologia mais visto no Youtube... Custa a crer, mas é mesmo isso ... Mais de 300 mil visualizações quando se escreve a palavra *sociology* no Youtube.

Em língua portuguesa, o vídeo de sociologia mais visto (mais de 200 mil visualizações) é bem diferente. Veja, respetivamente, <https://www.youtube.com/watch?v=tAkf0humF7U> e <https://www.youtube.com/watch?v=I2AZAbg1rLw>

Como é a sociologia na China? O mandarim e o espanhol aspiram disputar ao inglês o estatuto de língua franca do século XXI.

Veja quem é quem na sociologia na China ... <http://www.cs-en.cass.cn/>

Os 100 livros de sociologia mais importantes do século XX... A ISA (International Sociological Association) promoveu uma votação para eleger os 100 livros de sociologia mais importantes do século XX.

Veja a lista, com descrição breve, em <http://www.handoutnu.dk/2012/04/100-most-important-sociological-books.html>

De quem se fala quando falamos na mãe da Sociologia?

A expressão pais fundadores é muito comum para nos referirmos a Marx, Durkheim e Weber.

Se colocarmos a questão no feminino, a mãe da sociologia Saiba mais em http://en.wikipedia.org/wiki/Harriet_Martineau

Quem são os sociólogos sem fronteiras? Em espanhol, <http://www.sociologossinfronteras.org/> e em inglês, <http://www.sociologistswithoutborders.org/>

O prémio “Excelência na investigação e na prática”, da Associação Internacional de Sociologia, foi ganho em 2014 por... <http://www.isa-sociology.org/about/presidents/isa-president-immanuel-wallerstein.htm> ■

Em bicicleta no *terreno*:

Carolina Gontijo Lopes
Doutoranda em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

Foram os múltiplos os significados dos usos da bicicleta que me levaram a aventurar na etnografia do ciclismo urbano em São Paulo. Com o intuito de conhecer as táticas e estratégias (De Certeau) dos ciclistas que usam a bicicleta numa grande metrópole como meio de transporte, equipamento de lazer ou equipamento de trabalho. Paralelamente, procurei participar nas suas formas quotidianas de socialização para conseguir, ao final, dados que sustentem um debate sobre as representações sociais dessas práticas. Relato assim, algumas respostas aos questionamentos enfrentados nos 9 meses de terreno, são eles: Como fazer etnografia quando o pesquisador não é um antropólogo? Quando o terreno são as ruas de uma metrópole? E quando o objeto se faz em movimento?

O meu primeiro grande desafio decorreu da minha não formação em Antropologia e a escala da metrópole para realizar uma etnografia. Tratei, para isso, de me aproximar e ser aceite no Núcleo de Antropologia Urbana da USP (coordenado pelo Prof. José Guilherme Magnani), em busca de possibilidades e reflexões socioetnográficas sobre a metrópole. Isso me permitiu elaborar ajustes importantes no método clássico antes de iniciar a minha experiência de cunho etnográfico sobre as práticas do ciclismo urbano.

O desafio seguinte correspondeu ao registro de uma prática social que, por natureza, se desenrola em movimento. Para tanto, encontrei a resposta na produção de vídeos etnográficos. As filmagens permitiram registrar as minúcias desta prática em movimento na rua, as relações dos ciclistas com os outros circulantes e espaços e, ao mesmo tempo, após o distanciamento do terreno, torna-se possível rever as imagens.

Ao reconhecer a infraestrutura cicloviária, bem como os pontos de encontros e circulação dos ciclistas pude fazer o recorte espacial. A avenida Paulista foi a referência inicial. Nela, aos domingos e feriados, se instalam as ciclofaixas operacionais de lazer. Essas vias segregadas e móveis ao redor do canteiro central tornam-se de uso exclusivo dos ciclistas.

O meu deslocamento na cidade, quer em bicicleta,

quer andando, os registros no caderno de campo e as conversas com alguns cidadãos, ciclistas e não ciclistas, foram práticas da rotina de investigação na avenida e, posteriormente, em outras ruas. Aos poucos as regularidades em torno do ciclismo urbano tornaram-se visíveis e, com isso, comecei a selecionar os informantes. Quando paravam nos semáforos, nas lanchonetes ou no posto de empréstimo de bicicleta, eu me aproximava e pedia para acompanhá-los em seus passeios e fornecia as informações básicas do meu trabalho e entregava sempre o meu cartão de visita. Com os informantes mais relevantes marquei encontros para filmar os seus percursos e, depois, entrevistar. Durante toda essa imersão no terreno não deixei de me interrogar sobre como pode ser divertido pedalar no meio do congestionamento de bicicletas, do barulho das ruas e das normas de circulação do tráfego de carros dos dias de semana.

Em contato com os ativistas da bicicleta de São Paulo aproximei-me então da prática ciclista nos dias de semana e nos horários de trabalho. Para ir aos encontros e acompanhá-los, tive de aprender a me deslocar em bicicleta nessa cidade. E sinceramente, trocar o metro (transporte que usualmente conhecia) pela bicicleta, não foi tarefa fácil! Mas essa troca fez-me perceber como o uso do metro me impediu de ver, envolver e sentir o fluxo da cidade, como também, retardou minha aproximação com a rua, me distanciou do meu terreno de pesquisa e ampliou minha insegurança em pedalar diariamente. O convívio com a prática do ciclismo como meio de transporte correspondeu a sensação do que representa ser ciclista em São Paulo. Os meus temores pedalar comigo todos os dias e mesmo após acompanhar muitos ciclistas, me perguntei: Como é complexo ser ciclista numa cidade cortada por pontes extensas e com longas distâncias a percorrer diariamente, com vias congestionadas, com tráfegos agressivos e, especialmente, com múltiplos códigos de circulação? ■

Foram as histórias dos ciclistas que trabalham em bicicleta que mais me sensibilizaram. Cada um à sua maneira me permitiu que registrasse em meu caderno e filmasse o seu percurso de ciclista no dia-a-dia de trabalho. Com os trabalhadores ciclistas (cargueiros) da região da cracolândia, quando comecei a ouvir seus cânticos nordestinos, muitas vezes aquecidos pela cachaça, percebi que estava dentro do terreno e poderia fazer minhas filmagens. Acompanho alguns que entregam e distribuem mercadorias, filmo seus trajetos e consigo perceber que a cada rua, calçada ou lugar as regras variam, desde andar em contra mão a avançar quando o sinal esta vermelho. Em um processo contínuo que, primeiro estranhei e, depois me familiarizei, me pergunto como poderá uma cidade tornar visível esta prática de trabalhar em bicicleta e reconhecer os seus atores?

É possível com esse relato conhecer um pouco do meu terreno. Não há aqui receitas prontas, nem mesmo respostas “certas ou erradas”. São experiências amadurecidas em campo que podem fomentar trocas entre investigadores, incentivar novas investigações e estimular a reinvenção de métodos de pesquisa sobre os diversos aspetos do processo de produção de cidade. ■

VAIVÉM

Carmo Freitas. Licenciada em Sociologia, FEUC, 2012.

Erasmus 2011/2012 – Louvain la Neuve, Bélgica

O desejo de fazer Erasmus durante a licenciatura em Sociologia surgiu de um gosto pessoal há muito desenvolvido: o gosto de viajar e de conhecer novas cidades e culturas. No 3º ano da licenciatura, depois de muitas dúvidas relativamente à cidade a escolher e à Universidade que melhor influenciaria a meu percurso académico, optei por Louvain-la-Neuve na parte francófona da Bélgica.

Chegada à Bélgica deparei-me com um conjunto de mudanças que me obrigaram a uma adaptação rápida e intensa na cidade de acolhimento. Foram mudanças associadas ao facto de ser a minha primeira experiência a morar fora de casa: o desafio da língua, o que me levou a optar por um curso intensivo de francês para facilitar as conversações no dia-a-dia e compreender as aulas que frequentava; o desafio de uma nova faculdade, com métodos de ensino diferentes dos da minha faculdade de origem e a experiência de fazer novas amizades com colegas de Erasmus vindos da Europa, do Canadá e da América do Sul, cujos valores e experiências de vida em muito se distinguiam dos meus. Ultrapassada a adaptação inicial, o semestre em que estive fora passou como se apenas se tratasse de um ou dois meses intensos e particularmente felizes: criei novas amizades e “companheiros de viagem” com quem descobri a Bélgica e melhorei também os meus conhecimentos em sociologia, através do conhecimento de novas correntes de pensamento e novos métodos de trabalho e de avaliação. A experiência Erasmus trouxe-me uma dupla realização: por um lado, um acréscimo na minha experiência de vida, na minha independência e capacidade para não desistir perante as dificuldades e, por outro lado, um grande benefício no meu currículo académico, pelo desafio de pertencer a uma universidade prestigiada numa língua diferente da minha. Estudar numa universidade estrangeira atuou também como um fator facilitador na passagem da licenciatura da FEUC para o mestrado em Lisboa no ISCTE, tendo-me adaptado à nova faculdade não tanto como uma novidade e sim com alguma facilidade e segurança.

Por estes motivos, acredito que a experiência Erasmus constituiu o meu primeiro grande desafio num país tão estruturado e ao mesmo tempo tão “rico culturalmente” como a Bélgica, tendo desenvolvido em mim um impulso por trazer ao meu país um pouco do conhecimento que obtive lá fora, pois o verdadeiro conhecimento advém sempre de enfrentar o desconhecido e não temer a mudança. ■

VAIVÉM

Francisco João Fortuna Nunes, 3º ano da Licenciatura em Sociologia e do curso integrado Coimbra-Bordéus.

Quando confrontado, no primeiro ano da Licenciatura em Sociologia, com a possibilidade de partir no ano seguinte para Bordéus e integrar a fileira franco-portuguesa no Institut d'Etudes Politiques, a decisão não foi fácil.

Hoje, dois anos volvidos sobre essa experiência, deixo aqui o testemunho das razões pelas quais considero que este e outros Programas de Mobilidade devem ser incentivados e promovidos. Num curso como o nosso, que se dedica ao estudo da(s) realidade(s) social(ais), o contato com diferentes ambientes e escolas de pensamento é essencial para o alargamento dos horizontes e para uma compreensão mais rica dos fenómenos que nos rodeiam. Assim, a possibilidade de, no meu caso, ter vivido durante um ano num país cuja extrema importância para as Ciências Sociais e Humanidades é inegável, ofereceu-me diferentes perspectivas que a nível académico, mas fundamentalmente pessoal e humano, enriqueceram o meu pensamento e moldaram a minha forma de olhar o Mundo. Deixo por isso o meu apelo para que, seja em programas de mobilidade, onde o curso Coimbra-Bordéus é uma ótima escolha, seja em Erasmus, se aventurem a partir e se deixarem-se surpreender pelo que de melhor têm estas experiências. Para que o conhecimento, o vosso e o de todos nós, vá perdendo barreiras e fronteiras. ■

"Violências contra as mulheres: diálogos entre múltiplas opressões"

Madalena Duarte

Por todo o mundo, as mulheres são alvo de diferentes violências: violência doméstica, violações, assédio sexual, tráfico para trabalhos forçados ou prostituição, crimes de honra, mutilação genital, entre outras. Em 1999, a ONU designou oficialmente o dia 25 de Novembro como o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Como forma de assinalar a efeméride, a Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres (APEM) e o Centro de Estudos Sociais (CES) organizaram um Colóquio Internacional intitulado "Violências contra as mulheres: diálogos entre múltiplas opressões".

O Colóquio, que teve lugar no auditório da FEUC, reuniu académicos/as, nacionais e internacionais, e ativistas de Organizações Governamentais e Não-governamentais para discutir: (1) o modo como as diferentes violências têm conhecido, ou não, transformações tendo em conta as mudanças sociais; (2) avaliar o impacto das políticas dirigidas ao combate dessas violências; (3) e colocar em diálogo as diferentes manifestações, analisando proximidades e distâncias, quer entre as múltiplas violências, quer entre mulheres de vários grupos sociais. A Sessão de Abertura contou com as presenças de Nuno Gradim (em representação da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género), José Manuel Pureza (pelo CES) e Virgínia Ferreira (Presidente da APEM) que deram conta dos esforços feitos no terreno (CIG) e no plano científico e da extensão académica (APEM e CES) neste domínio.

A primeira sessão foi dedicada a um tema que assola as sociedades contemporâneas: o homicídio de mulheres. Para tal Rebecca Dobash e Russell Dobash, da Universidade de Manchester, apresentaram o seu estudo mais recente "When men murder women". Na sua apresentação incluíram uma breve revisão das perspetivas existentes sobre homicídio, precedida dos resultados das pesquisas sobre assassinatos de mulheres em contextos de violência em relações de intimidade, de violência sexual e de mulheres idosas. Nesta análise estabeleceram uma ligação entre os homicídios cometidos, a natureza das relações e o contexto sociocultural mais amplo.

A sessão seguinte focou-se na violência nas relações de intimidade ou violência doméstica, como é vulgarmente designada. A violência nas relações de intimidade permanece na atualidade como uma fonte relevante de exclusão social. Foi, de certo modo,

progressivamente reconhecido que os direitos de cidadania das mulheres não estão assegurados enquanto na esfera privada estas continuarem a ser objeto de violência. Décadas de investigação e de ação – em áreas como os direitos humanos, a saúde, a justiça criminal, a economia ou a justiça social – têm contribuído para um entendimento mais aprofundado da natureza multifacetada das violências contra as mulheres. Contudo, os termos referenciais destas violências, bem como a análise das suas causas, continuam em negociação, na maior parte dos países, entre Estado e sociedade civil, e no seio desta.

Foi este o mote para a segunda sessão que se centrou na violência contra as mulheres no contexto ibérico e teve como oradoras Maria Jesus Izquierdo, da Universidade de Barcelona e Madalena Duarte do CES/APEM. Concluiu-se que Espanha e Portugal apresentam algumas similaridades no que diz respeito quer à negociação da análise das causas da violência doméstica, quer ao modo como a justiça lida com os casos que chegam aos tribunais.

Finalmente, a terceira sessão - "Múltiplas violências: entre diagnósticos e atuações" - fomentou o debate sobre as experiências, boas práticas e dificuldades encontradas no terreno por parte das organizações que se dedicam à violência contra as mulheres. Com uma crescente visibilidade na esfera pública, traduzida num aumento do número de denúncias, a violência contra as mulheres tem sido objeto de diversas políticas dirigidas à prevenção dessa violência, à sua criminalização e ao apoio às vítimas, facilitando a intervenção do Estado e organizações não-governamentais nessas situações. Foi destas intervenções que nos falaram Sónia Soares, do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR; Rita Mira, da Associação de Mulheres Contra a Violência; Joana Salinas, da Cruz Vermelha de Matosinhos; Aurora Rodrigues, da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas; Paula Garcia, do Ministério Público; e Rita Marrafa de Carvalho, da RTP. Não obstante alguns dissensos na forma de atuação, estas diferentes entidades acordaram que se há muito trabalho já feito, há ainda um longo caminho por desbravar, nomeadamente na efetivação das leis já definidas. ■

Maria, a cuidadora, ou Madalena, a prostituta

Inês Guedes

Doutoranda em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

Estar no terreno é passar por uma experiência intensa de reflexão e questionamento. As dúvidas e medos que os manuais de procedimentos teimam em não responder, além de situações inusitadas que exigem tomadas de decisão, por vezes drásticas, fazem parte do processo de pesquisa e da constituição da condição de pesquisador/a.

A pesquisa que realizo é feita em contexto de rua e em contexto institucional. Comecei a explorar o terreno através de duas instituições, em duas cidades diferentes. Com a permanência em terreno e o desenvolvimento de relações com informantes privilegiados, refletir sobre a influência do meu gênero na pesquisa tornou-se particularmente pertinente. Se o espaço público é, tradicionalmente, tido como masculino, se o fenómeno que estudo é maioritariamente masculino também, quais as implicações metodológicas para a minha pesquisa, decorrente do facto de eu ser mulher?

Para ilustrar esses questionamentos, passo a descrever algumas situações que ocorreram ao longo destes quase 3 anos de pesquisa. A sensação de ser fonte de prestígio social, poder ou prazer começou logo nas primeiras saídas de campo. O Sr. M, um dos meus informantes privilegiados, sempre que eu me despedia arranjava um jeito de me manter ao seu lado por mais um tempo. Fazia-o oferecendo-me comida, bebida, beatas de cigarros ou informações pessoais. Um dia perguntaram-lhe se eu era a sua nova namorada. Ele não respondeu, limitou-se a sorrir satisfeito. Quer ele quer o Sr. A, outro informante, convidaram-me a dormir com eles. Numa ocasião encontrei o Sr. A enquanto tomava café com o Sr. M. Ocorreu uma pequena disputa por atenção e o Sr. A foi embora a dizer que eu agora preferia o outro.

Mais do que uma vez provoquei, inadvertidamente, desconfiança e ciúme também nas mulheres. Numa dada ocasião fui apresentada ao P. Estávamos a conversar quando a sua namorada se chegou, aflita, mais perto de nós. Talvez pensasse que eu estaria a seduzir P ou, pelo menos, a entrar no seu jogo de sedução. O certo é que assim que me apresentei como pesquisadora, ela passou a tratar-me por "doutora" e a agir com tranquilidade. Numa outra situação, outra namorada de um outro personagem chegou de rompante e chamou-o à parte, com ares de pouco satisfeita. Ele explicou que eu era "doutora" e o que

fazia ali. Após isso fui brindada com sorrisos.

De fato, é comum que as mulheres, quando em situação de rua, não permaneçam muito tempo solteiras. Ter um companheiro é uma fonte de segurança e de dinheiro. E, sendo eu mulher, seria de supor que estaria procurando companheiro. Por outro lado, o simples fato de me ter como companhia parecia trazer algum tipo de prazer ou benefício (pela possibilidade de ser escutado ou de ter uma companhia sexual) e prestígio perante os pares.

Mas, se estas situações não impuseram limites sérios à constituição da relação e à execução da pesquisa, esta outra que descrevo em seguida acabou por afastar um informante e limitar a minha permanência na rua (por questões de segurança). NM, após algumas semanas de contactos, convidou-me para comer uma sopa com ele. No momento em que respondi que sim, deu-me a mão, fazendo-me caminhar a seu lado como se fosse sua namorada. Tive que me declarar casada e que o meu interesse em acompanhá-lo era essencialmente académico. NM deixou imediatamente de frequentar a oficina. Terei eu deixado de ser uma fonte real ou potencial de benefícios?

As duas identidades que fui assumindo trouxeram vantagens e desvantagens. Se aparentemente ser "doutora" me retira da situação de alvo de sedução, pode-me também conotar à repressão ou à tutela institucional. Isto é, enquanto Maria posso ser uma informante da Segurança Social ou da polícia, o que me torna não confiável, ou posso ajudar a obter benefícios e apoios sociais, o que me torna um instrumento. Por outro lado, enquanto Madalena posso ser um par. Mas se isso me coloca numa posição privilegiada como observadora, pode também colocar-me numa condição de vulnerabilidade ou provocar desconforto e afastamento. De uma forma ou de outra, isso coloca em questão o acesso ao terreno e o estabelecimento de relações de confiança. Dado que o principal instrumento de pesquisa etnográfica é a própria pesquisadora, de que modo isso limita a minha pesquisa? E o que nos dizem estas situações acerca da constituição e da apropriação do espaço urbano pelas mulheres? São essas as questões que não querem calar. ■

Lutas artesanais:

Mulheres indígenas tecendo resistências no Amazonas

Jennifer Simpson dos Santos
Doutoranda em Sociologia, FEUC







Estas fotos fazem parte de uma fotoetnografia realizada durante seis meses de investigação etnográfica em 2013. Retratam a prática artesanal da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e da Associação das Mulheres Indígenas Sateré Mawé (AMISM).

Durante o período de investigação, trabalhei como motorista voluntária nestas duas associações. Como motorista voluntária, minha agenda não era organizada por mim, mas pelas associações. Participava da aquisição da matéria-prima de artesanato, da compra de comida para as festas e transportava o artesanato para os locais de venda, que são descentralizados e incertos. A confecção e a comercialização de artesanato apresentaram-se como uma importante prática social e a principal fonte de renda comum à AMARN e à AMISM. Por meio dessa constatação, direcionei meu olhar para a observação das dinâmicas de sobrevivência e de opressão consubstanciadas na experiência do artesanato. Também participei, juntamente com as associadas, nas manifestações de junho de 2013 cujas reivindicações foram, e continuam sendo, por moradia e por saúde indígena. A prática de artesanato constitui uma das principais materialidades do modo de vida de mulheres indígenas residentes em Manaus. A partir dessa prática, as artesãs articulam modos de saber-fazer inspiradas nas suas referências culturais tradicionais que são continuamente retrabalhadas em função de suas atuais necessidades e, simultaneamente, questionam a propriedade intelectual dominante e o modo de produção económico vigente definidores de margens. ■



Programa

9h30

Mesa de Abertura

José Reis, Diretor

Sílvia Portugal, Coordenadora Núcleo e Licenciatura em Sociologia

Carlos Fortuna, Coordenador Mestrado e Doutoramento em Sociologia

Áurea Alves, Presidente NES

10h

Conferência Inaugural

“Utilidade social e práticas profissionais da Sociologia”

Ana Romão, Presidente da APS

Moderação: Carlos Frazão

11h-12h30

Temas da Atualidade (I): Terrorismo e Liberdade

Daniel Francisco

Elísio Estanque

João Arriscado Nunes

José Manuel Mendes

Moderação: Tiago Oliveira

Temas da Atualidade (II): Ainda a Austeridade

Casimiro Ferreira

Hermes Costa

Pedro Hespanha

Virgínia Ferreira

Moderação: Jennifer Jesus

Além das aulas (I)

Carlos Fortuna, *Espelho meu! Espelho meu!* (Ou a cultura da telepresença)

Claudino Ferreira, Sociedade criativa (i)Lda.

Madalena Duarte, Migrações e tráfico laboral

Moderação: Rita Brás

Além das aulas (II)

Paula Abreu, Cenas musicais

Paulo Peixoto, A China urbana

Silvia Ferreira, A inovação e o terceiro setor

Sílvia Portugal, A loucura

Moderação: Miguel Andrade

12h30

Mostra de Posters: Algumas dissertações de Mestrado 2013/2014

Andreia Barbas

Catarina Ribeiro

Elisabete Sofia Martins

Filipa Queirós

Florival Raimundo

Patrícia Grilo

Paulo Vargues

Pedro Martins

Raimundo Mapanzene

Roberto Amado

Rogério Lima

Tiago Ribeiro

14h30

Carreiras fora da Universidade

Carla Duarte, IEBA

Carla Peixe, MultiAveiro

Daniela Silva, Recursos Humanos BluePharma

Jorge Caleiras, Segurança Social

Moderação: Margarida Almeida

16h15

Na FEUC: Da Licenciatura ao Doutoramento

Joana Alves

João Aldeia

José Arruda

Pedro Quintela

Moderação: Renata Cardoso

19h

Lançamento Prisma.SOC nº2

Evento Cultural

Jantar

Centro Cultural D. Dinis

Apesar do processo de Bolonha, ou talvez mesmo por causa dele, a Universidade não tem sido capaz de produzir e disseminar, de uma forma continuada e sistemática, um conhecimento que seja ao mesmo tempo não-conformista, crítico, heterodoxo e não mercantilizável. É espantoso como as crises múltiplas que assolam as sociedades de hoje - a crise económica e financeira, a crise ambiental e energética, a crise do modelo social europeu, a crise das migrações, a crise da segurança - não conseguiram tirar a universidade da sua postura serena e conformista.

É certo que, para poder ser um produtor, dinamizador e disseminador de ideias novas, a universidade precisaria de ter um grau de autonomia elevado, não só relativamente ao Estado - o que não acontece apesar do seu estatuto legal de autonomia - mas também relativamente ao mercado e, em particular, às exigências do mercado de trabalho.

A sociedade civil ou a comunidade não podem ser confundidas com o mercado e, nessa diferença, a universidade tem de manter uma conceção alargada de responsabilidade social, encorajando a investigação-ação, bem como os projetos de extensão com o objetivo de melhorar as vidas dos grupos sociais mais vulneráveis, presos nas armadilhas da desigualdade e da discriminação social sistémicas, tais como as mulheres, os desempregados, os jovens e os idosos, os trabalhadores migrantes, as minorias étnicas e religiosas, etc.

O Artº 2º do RJIES, onde se explicita a missão da Universidade, fica bem aquém desse propósito, limitando-se a enunciar um "dever de participar, isoladamente ou através das suas unidades orgânicas, em actividades de ligação à sociedade, designadamente de difusão e transferência de conhecimento, assim como de valorização económica do conhecimento científico".

As várias Universidades portuguesas definem diferentemente a sua missão, mas ainda assim as mais avançadas não se abrem suficientemente aos conhecimentos e experiências dos grupos da sociedade civil nem desempenham o papel de parte ativa da relação com esta.

Nas últimas décadas têm emergido na sociedade civil novas formas de organização destinadas a dar resposta a necessidades sociais de natureza mais elementar (emprego, consumos básicos e segurança social) que, de algum modo, estão associadas às mutações do capitalismo nesta fase de intensa globalização e às reformas liberalizantes dos sistemas de proteção social dos estados nacionais.

Estas dinâmicas emergentes têm sido alvo de atenção e até de construção de novas designações e conceitos como o de economia solidária. Trata-se de uma

designação ampla, com entendimentos eventualmente diferenciados em função dos contextos nacionais, mas que, no essencial, centra a sua definição na solidariedade, um atributo das relações sociais que se demarca claramente do padrão dominante que prevalece na economia de mercado capitalista.

O facto de a crise financeira e económica e a política de austeridade a ela associada estarem a lançar as pessoas no desespero (desemprego, perda de poder de compra, redução/contenção dos salários e subida dos preços, cortes na proteção social pública, redução de direitos), veio gerar um contexto favorável ao desempenho daquele papel ativo por parte da universidade, através do reconhecimento das iniciativas da sociedade civil de resposta à crise, sobretudo daquelas que têm um potencial de gerarem alternativas socioeconómicas mais justas, mais democráticas e mais sustentáveis, como é o caso das iniciativas da economia solidária. Cremos que as universidades podem dar um contributo assinalável para a qualificação dessas iniciativas, não só apoiando os seus promotores como faz com as empresas privadas de mercado, mas fomentando também as incubadoras sociais universitárias, como acontece em tantos outros países.

O interesse cada vez maior pela Economia Solidária, bem como a sua expansão no contexto de uma globalização contra-hegemónica nas mais diversas partes do globo, ampliam uma série de interrogações, seja quanto ao lugar do Estado no fomento destas iniciativas, seja quanto às relações entre elas e mercado, ou ainda quanto aos desafios da organização da produção e do consumo segundo princípios não-capitalistas. O grande arsenal de questões que a originalidade dessas iniciativas explica o aparecimento, no âmbito das Ciências Sociais e, particularmente em contexto universitário, de investigações, grupos de estudo, colóquios, projetos de extensão e outras atividades académicas sobre o tema, muitas vezes envolvendo os próprios ativistas e movimentos sociais.

Neste sentido, foi criado no Centro de Estudos Sociais em 2008, por iniciativa de estudantes de pós-graduação e investigadores, um Grupo de Estudos de Economia Solidária - o ECOSOL/CES - para debater questões relativas aos múltiplos aspetos e temáticas do campo da Economia Solidária, procurando enriquecer e renovar a teoria que sobre ela se produz. Parte integrante do Núcleo de Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades (POSTRADE), o ECOSOL/CES interessa-se pelos aspetos epistemológicos, teóricos e metodológicos da Economia Solidária enquanto objeto de investigação. Na sua abordagem do tema, não só procura dialogar com saberes que conformam e fortalecem a Economia Solidária enquanto campo epistemológico, como também analisa a margem de autonomia das formas

económicas não-capitalistas que caracterizam os empreendimentos solidários. Debruça-se, ainda, sobre as alternativas metodológicas que permitem a compreensão do fenómeno da Economia Solidária em diferentes escalas e contextos políticos. Temática constante nos debates do ECOSOL/CES, a questão metodológica tem mobilizado o grupo, que pretende iniciar dentro em breve um mapeamento nacional da Economia Solidária, em parceria com outros centros de investigação portugueses.

Também na Faculdade de Economia da nossa Universidade se desenvolveu um projeto de incubação universitária a partir de um grupo de estudantes que, com o apoio de docentes, experimentaram uma nova metodologia de interação entre a universidade e as organizações da economia social e solidária e do terceiro setor. Daí resultou a Incubadora Social Académica – ISFEUC – que, além de promover a aproximação da universidade à comunidade, disponibilizando a esta o conhecimento, a formação e o estudo de que ela precisa, tem procurado ainda mobilizar os estudantes para uma conversão das suas competências académicas em recursos tanto para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, quanto para o fortalecimento das organizações do terceiro setor. Por isso foi agraciada em 2010 com o prémio para melhor projeto na categoria de “Inovação e Empreendedorismo” do concurso Reinventa Coimbra.

Convém reconhecer que, para além do interesse académico que a Economia Solidária possa suscitar, o seu maior contributo parece ser o de comprovar a possibilidade de modos concretos e alternativos de produção, comercialização, crédito e consumo. Da mesma maneira, ela permite interpelar o próprio conceito de trabalho, transformado em mero fator de produção na sociedade contemporânea e incapaz, no paradigma atual, de responder à crise que se agudiza. Neste sentido, o trabalho associado como opção para a reprodução material da vida não só recupera a conceção de trabalho como direito (em lugar de mero bem de mercado), como ainda confronta, de forma criativa, os despedimentos e falências cada vez mais comuns, derivados de uma opção continuada pela valorização do capital.

Sem dúvida que outros modos de pensar a economia se mostram necessários e urgentes à medida que a crise se instala e as instituições económicas (incluindo o dinheiro como instituição monetária) perdem a confiança dos cidadãos. É neste contexto que uma infinidade de alternativas recupera e reforça o sentido do coletivo que a sociedade foi perdendo, conferindo-lhe força política e valorizando recursos que a racionalidade dominante fez por estancar. Dos circuitos de troca com moedas sociais ao trabalho associado, as iniciativas solidárias despertam hoje o interesse tanto das universidades quanto das forças políticas que acreditam que uma outra economia seja possível. ■

Ganhar a vida

Tiago Oliveira
Núcleo de Estudantes de Sociologia

A entrada no ensino superior e a escolha de um curso representam a abertura de um mundo novo na vida de qualquer jovem. Um mundo novo e uma enorme responsabilidade pois é algo que define o nosso futuro e por consequência a nossa vida.

Ao entrarmos na faculdade, sabemos que vamos enfrentar muitas dificuldades até sairmos de lá. Grande parte de nós está longe de casa, da família, dos amigos, daquilo a que sempre estivemos habituados, ao longo da nossa curta vida.

As saudades apertam e temos que “socorrer-nos de estranhos” para nos sentirmos melhor e aplacarmos essas saudades, pois eles estão na mesma situação que nós e compreendem-nos.

Sabemos que passaremos longas noites sem dormir, muitas “diretas” para estudar para exames e fazer trabalhos.

Muitos estudantes, nos dias que correm, para além disso, ainda andam com a “corda na garganta”, para conseguirem tirar o seu curso, face às inúmeras despesas com que são confrontados: as propinas, o alojamento, a alimentação, tudo hoje é muito caro! Há muitos colegas que não conseguem honrar todos os seus compromissos. Isto acontece em pleno século XXI num país teoricamente desenvolvido e que, supostamente, aposta na qualificação dos jovens.

Há cada vez mais alunos a abandonar a faculdade por dificuldades financeiras e isso acontece à nossa volta, não são só números. São pessoas com rosto, são colegas e amigos com quem nós falamos diariamente. Fazem parte da nossa família!

Outros alunos vêem-se na necessidade de trabalhar para conseguir pagar todas as despesas, algo que também acontece cada vez mais frequentemente, ficando a faculdade para segundo plano, com as consequentes repercussões nos resultados académicos.

Infelizmente, não é algo que “acontece só aos outros e em outros lados”, acontece na licenciatura de Sociologia da Universidade de Coimbra.

Dia após dia, cada vez mais alunos sentem dificuldades em prosseguir os seus estudos. O túnel da sua vida parece cada vez mais estreito e escuro. O sonho, para muitos, vira pesadelo!

O apoio a estudantes é insuficiente e insignificante, para as nossas necessidades. Isto é ridículo pois devia apostar-se na educação. Um país que não aposta nos jovens e na educação, é porque não se preocupa com o seu futuro.

Sem dúvida que o nosso futuro está em risco, mas temos que o tentar contrariar. A melhor maneira de o fazer é trabalharmos e esforçarmo-nos no que ao estudo diz respeito, mas também não baixar os braços e “lutarmos”, por aquilo que é nosso por direito, o direito à educação e ao futuro. Se queremos ter futuro, temos de fazer por isso!

O Núcleo de Estudantes de Sociologia, (NES), com as suas parcas capacidades, tem SEMPRE a porta aberta a todos os alunos, para juntos tentarmos atenuar essas dificuldades e ajudar como pudermos. Não podemos muito, mas não abandonamos ninguém! Juntos somos mais fortes! Estamos juntos por todos os alunos de sociologia! ■



INTIMATE - Citizenship, Care and Choice: The Micropolitics of Intimacy in Southern Europe

Ana Cristina Santos

Em 2013, o *European Research Council* atribuiu financiamento a Ana Cristina Santos para a realização do projeto INTIMATE – *Citizenship, Care and Choice: The Micropolitics of Intimacy in Southern Europe*. INTIMATE constitui o primeiro estudo aprofundado sobre cidadania íntima na Europa do Sul. Tendo-se iniciado em 2014, no Centro de Estudos Sociais, e terminando em 2019, INTIMATE envolve uma equipa de investigação internacional e multidisciplinar: Beatrice Gusmano, Luciana Moreira, Tatiana Motterle, Pablo Perez Navarro, Ana Lúcia Santos, Hélia Santos (Gestora de Projeto) e Ana Cristina Santos (Investigadora Responsável).

INTIMATE analisa processos de transformação da intimidade a partir de experiências de vida de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgénero (LGBT), considerando uma diversidade de modelos familiares e relacionais.

As mudanças que em décadas recentes têm vindo a ocorrer no campo da vida pessoal ilustram transformações socioculturais significativas. No entanto, o foco da reflexão sociológica dominante tem sido o casal heterossexual, monogâmico e reprodutivo, mantendo-se escassa a investigação dedicada à intimidade não-convencional na Europa do Sul. Com base nessa constatação, INTIMATE foi originalmente desenhado para repensar os temas da cidadania, do cuidado e da escolha a partir de intimidades não-normativas em Espanha, Itália e Portugal, tendo por objetivo principal a contribuição para a inovação jurídica, política e cultural dos três países. A noção de intimidade funciona neste projeto enquanto enquadramento conceptual principal, referindo-se a relações pessoais e relacionamentos de bem-estar, tais como relações de afetividade, sexualidade, família e cuidado. Assim, para estudar a intimidade, foram seleccionadas três dimensões

analíticas – conjugalidade, parentalidade e amizade –, por se considerar serem centrais na construção de biografias íntimas para diferentes identidades, origens e contextos geográficos. A ideia de uma “relação pura” (Giddens) será assim testada através destas três dimensões de intimidade, sempre associadas ao desafio inicial do projeto de repensar os conceitos de cidadania, cuidado e escolha. A ideia de micropolítica, também central ao projeto, permite um enfoque analítico duplo, considerando vivências e expectativas quotidianas (dimensão biográfica), delimitadas por um quadro legislativo e de políticas sociais alargado (dimensão sociojurídica).



Foto: Jennifer Simpson

Durante 5 anos serão realizados 6 estudos comparativos em Espanha, Itália e Portugal sobre conjugalidade lésbica (2015), poliamor (2015), procriação medicamente assistida e maternidade de substituição (também conhecida por ‘barrigas de aluguer’) (2016), atribuição de nome a criança (2016), redes de cuidado entre pessoas transgénero (2017) e coabitação entre amigos/as em idade adulta (2017). Realizando um trabalho que pretende, por um lado, reconhecer boas práticas e, por outro, identificar áreas de intervenção insuficiente ou inadequada, INTIMATE irá formular recomendações políticas tematicamente direcionadas e contribuir para o debate sobre cidadania nas sociedades contemporâneas ao nível europeu. Para tal, produzir-se-ão documentos que serão partilhados com os média, grupos ativistas, poder político e poder jurídico dos 3 países em estudo, mas também com a União Europeia e o Conselho Europeu.



Foto: Jennifer Simpson

As iniciativas do INTIMATE podem ser consultadas em: <http://www.ces.uc.pt/intimate> (em breve também em espanhol, italiano e português) –, ou nas redes sociais: <https://www.facebook.com/ces.intimate>. Ambos os espaços virtuais pretendem constituir-se enquanto recurso para a partilha de conhecimento e intervenção pública na área da cidadania íntima LGBT na Europa do Sul. ■



ENCONTRO

I Semana da Consciência Negra em Coimbra

Beatriz Caitana da Silva
Doutoranda em Sociologia, FEUC

Em 1971, o grupo Palmares do Rio Grande do Sul lançou o dia 20 de novembro como data de referência à história e resistência dos negros no Brasil. Em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) estabelece esta data como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Desde então, inúmeras ações são realizadas em memória e re-significação da morte de Zumbi dos Palmares, líder do “Quilombo dos Palmares”, assassinado em 20 de novembro de 1695.

A realização da I Semana da Consciência Negra no CES – 19 e 20 de novembro – emerge da necessidade de ampliar os espaços de diálogo crítico sobre as múltiplas e complexas formas contemporâneas de racismo.

O encontro começou com uma mesa redonda dedicada ao tema da mulher negra (“A presença ausente: a mulher negra em diferentes contextos sociais”). Realizou-se um espaço de reflexão sobre a variedade de lugares ocupados, papéis desempenhados e (in)visibilidades da mulher negra na sociedade. Marina Pereira de Almeida Mello abordou a presença da mulher negra nas ciências, nos *media*, na política, na literatura e nos movimentos sociais. Por seu lado, Danieli Siqueira e Rosana de Sousa Patane, ambas doutorandas, trataram respetivamente o tema da presença das parteiras em comunidades tradicionais e da invisibilidade da mulher negra nos espaços sociais. Por fim, a organização AMI-AFRO dirigiu uma sessão de

Teatro-Fórum: “Diálogo teatral sobre racismo e género”, a que se seguiu o documentário “Raça”, da autoria de Joel Zito Araújo, sobre a história de três pessoas em luta pela igualdade racial em lugares e contextos distintos.

O segundo dia abriu com a outra mesa redonda (“As diversas faces do racismo no Brasil e em Portugal”). As comunicações trataram do racismo e do anti-racismo no discurso académico-político (Silvia Maeso); a história do racismo no Brasil (Benjamin Xavier de Paula); e o racismo em Portugal na perspetiva dos movimentos sociais (Plataforma Gueto, Flávio Almada e Mamadou Ba, representante do SOS Racismo). Na sequência, Claudia Maisa Lins fez o lançamento do sítio “Samba de Lata”, originário de uma comunidade Remanescente de Quilombo de Tijuçu (Bahia). Por fim, visionámos o filme “Quilombo”, que retrata a resistência, em 1650, de um grupo de escravos à repressão colonial.

Este encontro revelou-se uma oportunidade para se conhecerem as semelhanças, diferenças e heterogeneidade das formas de racismo no Brasil e em Portugal. Pretende-se que este encontro sinalize o início de uma ação coletiva de fortalecimento dos movimentos sociais e dos espaços académicos, através de reflexões críticas sobre o racismo e os seus efeitos, por vezes, invisibilizados, na sociedade. ■

Experiências e Trajetórias de Cuidados de Saúde: As Doenças Raras em Debate

Rogério Lima Barbosa

Doutorando em Sociologia: Relações do Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

O Seminário Experiências e Trajetórias de Cuidados de Saúde: as Doenças Raras em Debate, organizado por Sílvia Portugal e Rogério Lima Barbosa, promoveu, em 23 de setembro último, um debate interdisciplinar sobre o cuidado em saúde, colocando em diálogo cientistas sociais, médicos, doentes, famílias e ativistas. Ao longo da tarde foram apresentadas, analisadas e discutidas experiências e trajetórias individuais e coletivas de vivência e conhecimento da(s) doença(s) e do(s) cuidado(s). Embora seguindo um formato acadêmico de apresentação de comunicações, o Seminário construiu um espaço de debate alargado, onde palestrantes e público puderam expor e debater ideias, inclusivamente através da música, dado que entre as comunicações e o debate houve um momento musical, no qual um pai apresentou uma composição sua sobre a doença do filho.

O programa do evento contou com a apresentação de comunicações de João Arriscado Nunes, sociólogo; Jorge Sequeiros, Professor no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar; Helena Canhão, médica reumatologista e investigadora no Instituto de Medicina Molecular; Luiz Oswaldo Rodrigues, médico, investigador e coordenador da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Neurofibromatoses e Rogério Lima Barbosa, estudante de Doutorado CES/FEUC e fundador da AMAVI. Os comentários ficaram a cargo de Fátima Alves, socióloga.

As comunicações abordaram questões diversas no campo dos cuidados de saúde e, especificamente, das doenças raras, com enfoque em experiências e abordagens inovadoras. A comunicação de João Arriscado Nunes – Ativismo e conhecimento(s) em saúde – destacou a dificuldade dos profissionais de saúde em ouvir o paciente de maneira atenta e apresentou, como exemplo, estudos realizados no Brasil que permitiram encontrar o local e a forma de contaminação de endemias locais, a partir da alteração no modelo de atendimento dos profissionais de saúde. A comunicação de Jorge Sequeiros – Políticas de saúde para doenças raras na Europa e em Portugal – destacou a importância do sequenciamento genético para a prevenção e o acompanhamento das doenças genéticas. A comunicação de Helena Canhão – Projeto Patient-Innovation e a inovação e difusão de soluções por doentes com doenças raras – apresentou o referido projeto e uma pesquisa realizada com cerca de 500

pessoas, segundo a qual, somente sete pessoas deram conhecimento aos médicos das inovações introduzidas por si próprias no modelo de cuidado, dando, assim, também destaque à importância da relação médico-doente. A comunicação de Luiz Oswaldo Rodrigues – Neurofibromatoses: das sombras para a esperança – relatou a sua experiência como pai de uma pessoa com NF e como médico e sinalizou a importância de reconhecer pacientes e familiares como agentes de cuidado. Finalmente, a comunicação de Rogério Lima Barbosa – Pele de cordeiro? Associativismo e mercado na produção do cuidado para doenças raras – apresentou parte da sua pesquisa de Mestrado, que destaca a influência do poder das indústrias farmacêuticas no campo das doenças raras, configurando um Modelo Utilitário do Cuidado, no qual os interesses do mercado prevalecem sobre o Estado e a comunidade.

A primeira parte do Seminário foi concluída com o comentário de Fátima Alves. Destacou alguns dos aspectos transversais às diferentes comunicações, nomeadamente, a questão da informação, da relação médico-doente e do papel do mercado na configuração do campo da saúde. Fátima Alves sublinhou também a importância do olhar sobre o(s) poder(es) e o(s) saber(es), nomeadamente, o modo como o poder médico é central na configuração dos modelos de cuidado e no modo como os indivíduos lidam com a doença.

A segunda parte do seminário foi inteiramente dedicada ao debate, dando oportunidade à audiência para comentar as comunicações e, também, partilhar experiências e ideias. O debate foi vivo e longo e nele se fizeram ouvir as vozes de doentes e familiares que, por um lado, se reviram nas apresentações e, por outro, trouxeram novos elementos, contributos e reflexões para as discussões.

Este Seminário foi uma oportunidade para estabelecer uma verdadeira troca de experiências e saberes, uma plataforma ampla e aberta de escuta e partilha, defendendo abordagens que coloquem os sujeitos (doentes e cuidadores/as) no centro das análises e que permitam construir modelos inovadores de política e de intervenção em saúde.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Ana Cristina Silva Santos, Inserção socioprofissional e empregabilidade da pessoa com deficiência. Orient.: Fernando Fontes

Ana Luisa Albuquerque Pinto, Entidades culturais em reconfiguração: os imigrantes romenos em Coimbra. Orient.: Casimiro Ferreira

Anabela Araújo Franqueira, Os atores da integração: Uma análise da organização coletiva dos imigrantes entre 1995-2002. Orient.: Carlos Fortuna

Andreia de Jesus Dias Barbas, Crescer a meias: Uma Análise Sociológica do Impacto dos estilos parentais nas relações entre irmã/os. Orient.: Silvia Portugal

Flaviano Gomes, Organismos internacionais no apoio ao setor educativo na Guiné-Bissau. Orient.: José Manuel Mendes

Florival Raimundo de Sousa, Entre a Vulnerabilidade e o Enfrentamento. Jovens atores na economia informal da cidade de Luanda. Orient.: Pedro Hespanha

Maria Antónia Gaspar da Mota, Sindicatos bancários independentes: Um sindicalismo emergente. Orient.: Hermes Costa

Naldo Manuel da Silva Bernardes, *Bullying* em contexto escolar. Orient.: José Manuel Mendes

Paula Cristina Carvalho da Silva, Igualdade de género nas autarquias Locais. Orient.: Virgínia Ferreira

Raimundo Joaquim Mapanzene, A polissemia de Cahora Bassa. Orient.: Maria Paula Gutierrez Menezes

Roberto Marinho Amado, Os serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra as mulheres. Orient.: Virgínia Ferreira

Rogério Lima Barbosa, Pele de Cordeiro? Associativismo e mercado na produção de cuidado para as doenças. Orient.: Silvia Portugal

Rosa Maria Serra Fernandes, Jovens rurais: Futuros urbanos? Orient.: Pedro Hespanha

Saulo Aristides de Souza, A ciranda social em torno da Política de Salário Mínimo. Orient.: Elísio Estanque

Tiago Ribeiro, Ensaio sociológico sobre o direito, o sexo e a desigualdade numa era que ainda é. Orient.: Casimiro Ferreira

RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Ana Cláudia Monteiro Andrade, Impacto da crise nas respostas/medidas de combate à pobreza e exclusão social no distrito de Coimbra. Orient.: Pedro Hespanha

Cláudia Filipa de Almeida Capitão, O programa Rede Social: das representações às práticas. Orient.: Paula Abreu

Didier da Costa Dias, Viver (n)a Região Centro. Orient.: Fernando Ruivo

Elisabete Sofia Almeida Martins, Retrato a duas cores: Diagnóstico municipal na perspetiva da igualdade de género da Figueira da Foz. Orient.: Virgínia Ferreira

Hélder Filipe Rodrigues Ferreira, Sensibilização e capacitação de jovens e adultos desempregados para o empreendedorismo. Orient.: Pedro Hespanha

Marina Sofia Guimas Camões, Políticas públicas para a juventude. Orient.: Claudino Ferreira

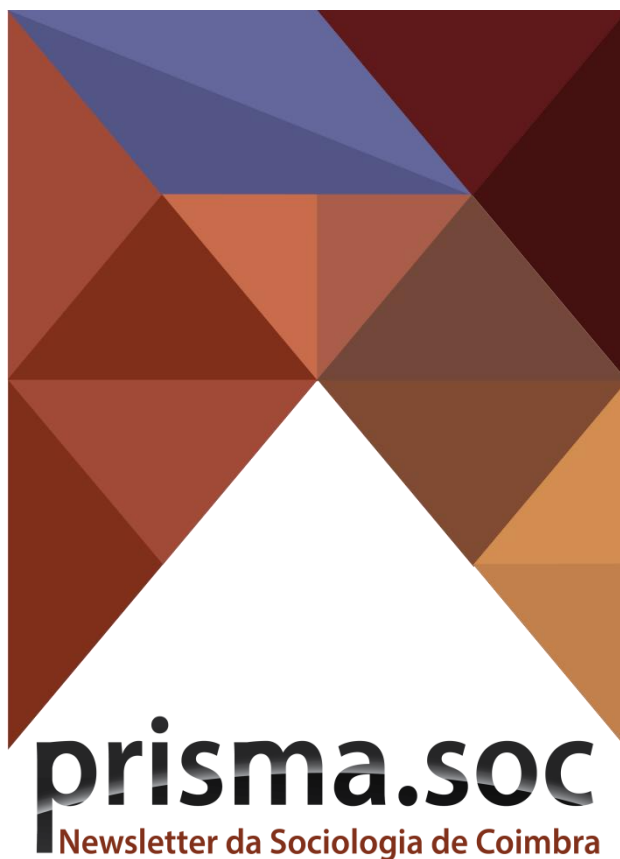
Nélio Miguel dos Reis Filipe Guerreiro, O impacto da formação profissional na vida de adultos com baixa escolaridade. Orient.: Hermes Costa

Oleh Lukyanenko, Razões e padrões do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes da UC. Orient.: Silvia Ferreira

Patrícia Isabel Mendonça dos Santos, Desigualdades de género no trabalho - Uma análise nos casos apresentados à CITE. Orient.: Virgínia Ferreira

DOUTORAMENTOS

Pedro Emanuel Coelho Araújo, Um Estado longe de mais. Para uma sociologia com desastres. Orient.: José Manuel Mendes ■



Contatos

Email: newsoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newsoc@fe.uc.pt.

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>